ÁREA TEMÁTICA: Estratégia Organizacional e Inovação

CATEGORIA: ENANGRAD Pleno

ADMINISTRAÇÃO E INOVAÇÃO ABERTA: COMO AS EMPRESAS SE CONECTAM A ECOSSISTEMAS COLABORATIVOS PARA AMPLIAR SUA CAPACIDADE DE DESENVOLVIMENTO

Resumo

Este artigo analisa como as empresas se conectam a ecossistemas colaborativos, por meio da inovação aberta, visando ampliar sua capacidade de desenvolvimento. Parte-se do entendimento de que, em mercados competitivos e dinâmicos, os processos de inovação conduzidos de forma isolada tendem a limitar o acesso das organizações a conhecimentos, recursos e oportunidades externas. A pesquisa adota abordagem qualitativa, de natureza básica, com objetivos exploratórios e descritivos, operacionalizada por revisão integrativa da literatura em bases científicas e fontes especializadas, complementada por dados secundários sobre inovação no contexto brasileiro. Os resultados indicam que a inovação aberta se configura como estratégia administrativa relevante para fortalecer a aprendizagem organizacional, ampliar a competitividade e favorecer o desenvolvimento de novos produtos, processos e modelos de negócio. Verificou-se que os principais atores desses ambientes incluem empresas, startups, universidades, governo, parques tecnológicos, incubadoras, aceleradoras e comunidades de inovação, sendo as conexões estabelecidas por meio de mecanismos como programas de ideias, hackathons, parcerias institucionais, contratação simplificada de startups e ambientes de cocriação. Constatou-se, ainda, que tais relações não produzem benefícios automaticamente, pois dependem da escolha adequada de parceiros, da clareza estratégica e da capacidade interna de integração do conhecimento externo. Conclui-se que as empresas ampliam sua capacidade de desenvolvimento quando tratam a inovação aberta como prática de gestão estruturada, sustentada por colaboração, aprendizagem e articulação com redes regionais, com destaque para o contexto catarinense.

Palavras-chave: Inovação aberta; Administração; Ecossistemas colaborativos; Desenvolvimento organizacional; Estratégia.

Abstract

This article analyzes how companies connect to collaborative ecosystems through open innovation in order to expand their development capacity. It isbased on the understanding that, in competitive and dynamic markets, innovation processes conducted in isolation tend to limit organizations' access

to external knowledge, resources and opportunities. The research adopts a qualitative, basic, exploratory and descriptive approach, operationalized through an integrative literature review in scientific databases and specialized sources, complemented by secondary data on innovation in the Brazilian context. The results indicate that open innovation is a relevant managerial strategy for strengthening organizational learning, increasing competitiveness and supporting the development of new products, processes and business models. The study found that the main actors in these environments include companies, startups, universities, government, technology parks, incubators, accelerators and innovation communities, with connections established through mechanisms such as idea programs, hackathons, institutional partnerships, simplified startup contracting and cocreation environments. It was also found that such relationships do not automatically generate benefits, as they depend on the appropriate selection of partners, strategic clarity and the internal capacity to integrate external knowledge. The article concludes that companies expand their development capacity when they treat open innovation as a structured management practice supported by collaboration, learning and articulation with regional networks, especially in the context of Santa Catarina.

Keywords: Open innovation; Management; Collaborative ecosystems; Organizational development; Strategy.

1. Introdução

A competitividade exige das organizações uma capacidade constante de adaptação. Empresas que não acompanham as transformações do mercado tendem a se estagnar e a perder espaço para concorrentes que investem continuamente em novas soluções, processos, produtos e modelos de negócio, entre outras iniciativas competitivas. Ainda assim, muitas organizações insistem em conduzir seus processos de inovação de forma isolada, acreditando que é possível desenvolver internamente tudo o que precisam para se manterem relevantes. Essa crença gera consequências relevantes, como processos mais lentos, custos elevados e maior risco de fracasso, já que a ausência de conhecimento externo limita a capacidade de identificar problemas e soluções que muitas vezes só se tornam visíveis a partir de um olhar externo qualificado.

Outro equívoco comum entre as organizações é associar inovação exclusivamente à aquisição de tecnologia. Comprar sistemas, automatizar processos ou criar formalmente um setor de inovação não garante, por si só, que a empresa se torne inovadora. Ela depende de pessoas, de processos bem estruturados e de uma cultura organizacional que sustente a experimentação e o aprendizado contínuo. Nesse cenário, a colaboração externa se consolidou como elemento estratégico: parcerias com universidades, institutos de pesquisa e outras empresas abrem um leque de

oportunidades que dificilmente seriam percebidas apenas com os recursos internos da organização.

Diante desse contexto, este artigo se propõe a responder a seguinte questão de pesquisa: como as empresas estabelecem conexões com ecossistemas colaborativos, por meio da inovação aberta, visando ampliar sua capacidade de desenvolvimento? O objetivo geral do estudo é analisar essa dinâmica de conexão. Para alcançar esse propósito, foram definidos os seguintes objetivos específicos: compreender os fundamentos da inovação aberta na Administração; identificar os principais atores dos ambientes colaborativos; analisar os mecanismos utilizados pelas empresas para estabelecer conexões; e discutir as contribuições dessas conexões para o desenvolvimento organizacional.

A justificativa deste estudo se sustenta em três dimensões. Do ponto de vista acadêmico, o artigo busca ampliar as discussões sobre inovação aberta dentro do campo da Administração, unindo teoria clássica de gestão a modelos mais recentes de interação em rede. Do ponto de vista prático, pretende demonstrar como as empresas podem se beneficiar de relacionamentos externos estruturados. Do ponto de vista social, busca estimular ambientes colaborativos capazes de fortalecer o desenvolvimento regional. A pesquisa se delimita a uma abordagem qualitativa baseada em revisão integrativa da literatura, com foco na realidade brasileira e, especificamente, catarinense.

Este artigo está organizado da seguinte forma: a seção 2 apresenta a fundamentação teórica, abordando a relação entre Administração e desenvolvimento organizacional, o conceito de inovação aberta, os atores dos ecossistemas colaborativos, os modelos de interação em rede e os mecanismos de conexão entre empresas e esses ambientes, encerrando com o contexto catarinense. A seção 3 descreve a metodologia adotada. A seção 4 apresenta a análise e discussão dos resultados. Por fim, a seção 5 traz as conclusões e contribuições do estudo.

2. Fundamentação Teórica

2.1 Administração e desenvolvimento organizacional

A inovação deve ser compreendida como uma função central da Administração, e não como um apêndice técnico isolado das decisões estratégicas da empresa. A literatura clássica já defendia que inovar é uma das principais responsabilidades da gestão, exigindo disciplina, método e acompanhamento constante, tanto quanto qualquer outra área da organização. Nessa linha, a inovação pode ser descrita como uma combinação de recursos que resulta em algo novo, um produto, um processo ou uma forma distinta de organizar a produção (SCHUMPETER, 1985 apud TEIXEIRA; TEIXEIRA,

2020). Essa combinação raramente ocorre de maneira espontânea: depende de estrutura, de estratégia clara e de capacidade de geração de valor sustentada ao longo do tempo. É esse entendimento que fundamenta a discussão deste artigo, no sentido de que ampliar a capacidade de desenvolvimento de uma empresa é, antes de tudo, uma decisão administrativa.

2.2 Inovação aberta nas organizações

O conceito de inovação aberta foi criado por Chesbrough, que propôs um novo paradigma em contraste com o modelo de inovação fechada predominante ao longo do século XX, no qual as organizações acreditavam que o sucesso de uma inovação dependia do controle total sobre o processo, gerar, desenvolver, fabricar e distribuir soluções inteiramente por conta própria. Essa lógica está cada vez mais em desacordo com a geração de conhecimento característica do século XXI: ideias valiosas podem surgir tanto dentro quanto fora da organização, tornando as fronteiras entre conhecimento interno e externo mais porosas (CHESBROUGH, 2003a apud MARQUES et al., 2022).

Esse paradigma foi amplamente adotado por outros pesquisadores que discutem a ampliação do escopo da inovação aberta e a organização interna necessária para integrar conhecimento externo aos projetos da empresa. É importante destacar, no entanto, que sua adoção não garante resultados automaticamente positivos. O estudo de Marques, Ávila, Pereira e Zambalde (2022), conduzido com dados em painel da Pesquisa Industrial de Inovação Tecnológica referente aos anos de 2003 a 2014, mostra que diferentes tipos de interação externa produzem efeitos distintos sobre diferentes tipos de inovação: a interação com universidades apresentou efeito negativo sobre a inovação tecnológica, enquanto a interação com clientes teve efeito positivo. Esse achado é relevante porque evita uma leitura simplista da abordagem como benéfica em qualquer circunstância, reforçando a necessidade de critérios claros na escolha dos parceiros externos, tema retomado adiante, na análise dos resultados.

2.3 Ecossistemas colaborativos e atores

Um ecossistema colaborativo é formado por múltiplos atores que interagem entre si com o objetivo comum de gerar conhecimento e inovação. Entre eles estão empresas, startups, universidades, comunidades de inovação, governo, fornecedores, clientes, parques tecnológicos, aceleradoras e incubadoras. Instituições como ANPROTEC, Sebrae, FINEP e EMBRAPII desempenham papel relevante no fomento e na estruturação desses ambientes no Brasil.

A presença desses agentes, contudo, não garante por si só o sucesso da colaboração. Martins Sá (2023), em estudo sobre ecossistemas de inovação aberta no contexto da Indústria 4.0, conduzido por meio de entrevistas semiestruturadas com organizações participantes de uma rede formada a partir de um programa de fornecedores, identificou que a cocriação de valor entre parceiros está sujeita a desafios como assimetria de poder e desconfiança entre as partes. O autor destaca ainda que, em alguns casos, grandes empresas simulam processos de colaboração apenas para fortalecer sua imagem institucional ou atrair talentos externos, sem um compromisso genuíno com a cocriação. Mapear os participantes de um ambiente colaborativo é, portanto, apenas o primeiro passo; entender a qualidade e a intenção por trás dessas relações é igualmente necessário.

2.4 Modelos de interação

A compreensão de como diferentes atores se relacionam dentro de um ecossistema de inovação evoluiu ao longo do tempo por meio do modelo da tríplice hélice, que descreve a colaboração entre universidade, indústria e governo como um modelo evolutivo de relações. Nessa perspectiva, a universidade deixa de ocupar um papel secundário e passa a atuar de forma equivalente à indústria e ao governo na geração de novas empresas e indústrias, oferecendo uma estrutura flexível capaz de orientar esforços conjuntos a partir de diferentes pontos de partida, todos voltados ao desenvolvimento econômico e social do conhecimento (ETZKOWITZ; LEYDESDORFF, 2000.

Apesar do avanço teórico desse modelo, ainda existem deficiências institucionais a serem superadas no Brasil, como a burocracia e a morosidade de determinados processos, o que impacta diretamente a velocidade com que essas colaborações se traduzem em resultados concretos (BUENO, 2017 apud TEIXEIRA; TEIXEIRA, 2020).

2.5 Mecanismos de conexão entre empresas e ecossistemas colaborativos

Entender a teoria por trás desses ambientes é insuficiente se as empresas não souberem, na prática, como estabelecer conexões com eles. O artigo produzido pelo DOMOS de Open Innovation do Instituto Caldeira (2024), grupo formado por representantes da indústria, varejo, bancos privados e cooperativos, além do poder legislativo, detalha quatro desafios centrais enfrentados por organizações que buscam estruturar essa prática. O primeiro é a comunicação: simplificar a linguagem e alinhar a cultura interna da empresa é essencial para engajar diferentes níveis hierárquicos no processo de inovação. O segundo envolve tensões entre a área de inovação aberta e áreas tradicionais da organização, como Compras, Tecnologia da Informação,

Marketing, Recursos Humanos e Jurídico, cada uma com processos próprios nem sempre preparados para a velocidade exigida por parcerias externas, especialmente com startups.

Para lidar com essas tensões, o Instituto Caldeira propõe três frentes de atuação. A primeira é o *fast track* para contratação de startups, que simplifica processos priorizando provas de conceito antes de exigências burocráticas completas. A segunda é o *sandbox*, ambiente controlado que permite testar inovações com regras flexibilizadas e impacto limitado. A terceira é a formação de alianças na inovação corporativa, que consiste em vincular as metas da área às diretrizes estratégicas da empresa, evitando que ela se torne uma frente isolada e reforçando a colaboração entre diferentes setores da organização.

O terceiro desafio discutido é a busca por parceiros, que pode ocorrer por meio de diferentes canais conforme o grau de maturidade da empresa: participação em eventos como o South Summit, uso de redes sociais como o LinkedIn para localizar startups e fundadores, engajamento em hubs de inovação e uso de plataformas digitais como a Distrito, além de páginas próprias de inscrição mantidas por empresas com maior experiência no tema. Aceleradoras, incubadoras e parques tecnológicos também cumprem esse papel, oferecendo portfólios de startups em diferentes estágios de maturidade e, no caso dos parques tecnológicos, conexão direta com universidades.

O quarto desafio trata da forma de lidar com diferentes tipos de parceiros: o relacionamento com startups exige compreensão da fase de maturidade da solução e a prontidão da empresa para escalar; com universidades, exige gestão de incertezas e suporte à transferência de tecnologia; e entre empresas, exige cultura de inovação avançada e apoio institucional. Em todos os casos, a busca por uma relação de ganho mútuo, a clareza da estratégia e a definição de responsáveis pelo processo aparecem como fatores determinantes para o sucesso da parceria.

Esses mesmos mecanismos aparecem no setor público. A Estratégia de Inovação Aberta da Escola Nacional de Administração Pública (ENAP), conduzida pela GNova, estrutura sua atuação por meio de linhas de ação que incluem a gestão de projetos colaborativos para solução de problemas públicos, a criação de ambientes físicos e digitais de cocriação, e a ampliação de parcerias com o ecossistema de inovação nacional e internacional. Isso mostra que essa lógica de conexão não se restringe a um único setor da economia.

2.6 Santa Catarina como referência em ambientes colaborativos

O estado de Santa Catarina se destaca como um ambiente favorável ao desenvolvimento de redes colaborativas de inovação. A Associação

Catarinense de Empresas de Tecnologia (ACATE) atua como articuladora de um ambiente que reúne startups, empresas consolidadas, universidades e investidores. Joinville, por sua vez, se consolidou historicamente como polo industrial e tecnológico do estado, reunindo infraestrutura, mão de obra qualificada e programas de apoio ao empreendedorismo.

Um exemplo concreto dessa dinâmica é o Ágora Tech Park, parque tecnológico que reúne atualmente cerca de cem empresas em operação, entre elas Unimed, Avell, Pollux, Pró-Rim e Whirlpool, além de instituições de ensino e pesquisa como Univille, Católica, Instituto de Pesquisas Tecnológicas, Senac, Universidade Federal de Santa Catarina e UniSenai. O parque desenvolve o programa Ágora Connect, voltado à articulação entre mantenedores, universidades, pesquisadores e centros de pesquisa, promovendo eventos de aproximação entre mercado e academia e estimulando a geração de projetos de pesquisa aplicada. Destaca-se também o Liga.Ágora, que conecta estudantes universitários a projetos de inovação dentro do parque, oferecendo experiência prática em áreas como saúde, indústria 4.0 e cidades inteligentes (ÁGORA TECH PARK, 2026).

Outra referência é o Hub47, comunidade de inovação e startups de Joinville estruturada de forma aberta, voluntária e horizontal, sem CNPJ, diretoria ou hierarquia formal. Sua missão é criar um ambiente que fomente o empreendedorismo, conectando pessoas, recursos e conhecimentos para o desenvolvimento de novos negócios e soluções. A comunidade organiza sua atuação em três pilares: fomentar a inovação em um espaço acolhedor e acessível, criar conexões entre startups, investidores e empresas, e formar novos protagonistas por meio de uma cultura de colaboração. Entre suas iniciativas recorrentes estão o Techstars Startup Weekend Joinville, evento de imersão que simula o ciclo de vida de uma startup, o Silicon Drinkabout Joinville, encontros informais de networking, e o TEDx Joinville. O Hub47 também promove o desenvolvimento de lideranças comunitárias por meio do programa Movimenta Norte, contribuindo para o fortalecimento do ecossistema regional de forma descentralizada e colaborativa (HUB47, 2025). Em sua primeira edição, o programa reuniu cerca de 50 participantes para discutir comunidade, inovação e colaboração no norte de Santa Catarina, resultando no surgimento de duas novas comunidades e na formação de novas lideranças voltadas ao fortalecimento do ambiente local.

Essa combinação entre parques tecnológicos estruturados, instituições consolidadas e comunidades voluntárias reforça o ambiente favorável à inovação aberta em Santa Catarina, criando condições concretas para que empresas se conectem a atores diversos e ampliem sua capacidade de desenvolvimento.

Essa dinâmica pode ser observada na vivência prática do autor deste artigo dentro do ecossistema catarinense de inovação. O envolvimento voluntário em organizações ligadas ao Hub47 permitiu atuar ativamente na conexão entre empresas e iniciativas de inovação, orientado pelo princípio do *give first*, a lógica de contribuir com a comunidade antes de esperar um retorno direto. Essa vivência incluiu a participação na primeira edição do Movimenta Norte e no Community Leader Academy de Santa Catarina (CLA-SC), promovido por lideranças de comunidades catarinenses com apoio do Sebrae, ocasião em que iniciativas como o Techstars Startup Weekend foram discutidas como exemplos de como a liderança comunitária se traduz em conexão, inspiração e fortalecimento de pessoas. Essa experiência reforça, na prática, o argumento discutido na literatura: os relacionamentos construídos dentro desses ambientes funcionam como ativos estratégicos, já que a proximidade entre os atores facilita o acesso a oportunidades que dificilmente seriam alcançadas de forma isolada. O próprio acesso profissional do autor ao mercado de trabalho, mediado por relações estabelecidas dentro da comunidade de startups e empresas, ilustra como a confiança e o relacionamento entre pessoas frequentemente antecedem as conexões formais entre organizações.

3. Metodologia

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza básica, com objetivos exploratórios e descritivos. O procedimento técnico utilizado foi a revisão integrativa da literatura, que permite reunir, analisar e sintetizar estudos sobre um determinado tema, possibilitando a identificação de lacunas e tendências na produção científica existente. A busca por materiais foi realizada nas seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Scientific Periodicals Electronic Library Online (SPELL), Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Google Acadêmico, Revista de Administração Contemporânea (RAC), Revista de Administração de Empresas (RAE) e Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ENANPAD). Como fonte complementar de dados secundários, foram utilizados os resultados da Pesquisa de Inovação Tecnológica, conduzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, cuja legitimidade como base para estudos sobre inovação aberta no Brasil já foi demonstrada em pesquisas anteriores, como a de Marques, Ávila, Pereira e Zambalde (2022).

Os critérios adotados para seleção dos materiais foram: artigos completos, disponíveis integralmente para leitura; trabalhos redigidos em português ou inglês; e estudos relacionados aos temas de Administração, inovação aberta e ecossistemas colaborativos, publicados entre 2015 e 2026.

Esse recorte temporal foi definido para capturar a produção científica mais recente sobre o tema, ao mesmo tempo em que preserva referências essenciais para a compreensão histórica dos conceitos discutidos.

4. Análise e Discussão dos Resultados

4.1 Caracterização dos estudos selecionados

Os estudos selecionados para esta revisão abrangem diferentes recortes temporais e metodológicos sobre inovação aberta e ambientes colaborativos. Entre eles, destacam-se o trabalho conceitual de Chesbrough (CHESBROUGH, 2003a apud MARQUES et al., 2022), que funda o campo de estudo; a pesquisa empírica de Marques, Ávila, Pereira e Zambalde (2022), publicada na Brazilian Business Review, que utiliza dados em painel da PINTEC entre 2003 e 2014; o estudo sobre tríplice hélice e conhecimento (TEIXEIRA; TEIXEIRA, 2020), apresentado na Conferência ANPROTEC; e a dissertação de Martins Sá (2023) sobre ecossistemas de inovação aberta na Indústria 4.0, conduzida por meio de estudo de caso qualitativo com entrevistas semiestruturadas. Essa diversidade de abordagens, entre revisão conceitual, análise quantitativa com dados em painel e estudo de caso qualitativo, permite uma discussão mais robusta sobre o tema e evita que as conclusões deste artigo se apoiem em um único tipo de evidência.

4.2 Principais atores dos ecossistemas colaborativos

Os agentes identificados na fundamentação teórica, entre empresas, startups, universidades, governo e comunidades de inovação, aparecem de forma recorrente nos estudos analisados. Contudo, a simples presença desses atores em um ambiente colaborativo não assegura resultados positivos. Como discutido por Martins Sá (2023), a assimetria de poder entre parceiros e a desconfiança mútua podem comprometer a efetividade da colaboração, mesmo quando todos os participantes relevantes estão formalmente presentes. Esse achado reforça que a análise de uma rede desse tipo deve ir além do mapeamento de quem participa, avaliando também a qualidade e a real intenção por trás dessas relações.

4.3 Principais mecanismos utilizados pelas empresas

Os mecanismos de conexão discutidos pelo Instituto Caldeira (2024), como o *fast track* de contratação de startups e o *sandbox* para testes controlados, se mostraram aplicáveis tanto a organizações privadas quanto a iniciativas públicas, como demonstra a Estratégia de Inovação Aberta da ENAP (2025). Isso indica que esses mecanismos não são exclusivos de um setor específico da economia, podendo ser adaptados conforme a maturidade e a estrutura de cada organização. Programas de ideias, hackathons e parcerias

com universidades permanecem como os mais citados na literatura analisada, funcionando como pontos de entrada acessíveis para empresas que ainda estão no início de sua jornada de inovação aberta.

Vale destacar que eventos de networking, como o próprio Silicon Drinkabout mencionado na fundamentação teórica, cumprem função semelhante em nível mais informal: aproximam empresas, startups e profissionais em ambientes de menor formalidade, o que favorece o surgimento espontâneo de conexões que, mais tarde, podem se transformar em parcerias estruturadas.

4.4 Benefícios para as organizações

Entre os benefícios identificados estão o desenvolvimento de novos produtos, o ganho de competitividade, a ampliação da capacidade de aprendizagem organizacional e a transformação da cultura interna da empresa. A Pesquisa de Inovação Tecnológica de 2024 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2025) reforça esse cenário ao apontar um percentual relevante de empresas brasileiras que já utilizam tecnologias digitais avançadas, como computação em nuvem e inteligência artificial, muitas vezes adquiridas ou desenvolvidas em parceria com atores externos. Esse dado ilustra, na prática, o argumento de Chesbrough (CHESBROUGH, 2003a apud MARQUES et al., 2022) sobre a porosidade entre conhecimento interno e externo, mostrando que a adoção de tecnologia avançada frequentemente depende de conexões estabelecidas fora dos limites tradicionais da organização.

4.5 Desafios encontrados

Apesar dos benefícios identificados, os estudos analisados também revelam desafios relevantes. A resistência cultural, a falta de conhecimento sobre o próprio ambiente colaborativo e a ausência de estratégia clara para a inovação aberta aparecem como obstáculos recorrentes. O achado de Marques, Ávila, Pereira e Zambalde (2022) é particularmente relevante nesse ponto: nem toda interação com atores externos resulta em benefício para a organização, sendo necessário que as empresas desenvolvam critérios claros para selecionar seus parceiros e definir a natureza da colaboração pretendida. Esse resultado evita que a inovação aberta seja tratada como uma solução automática, reforçando que seu sucesso depende da forma como é gerida internamente.

5. Conclusão e Contribuições

Este artigo teve como objetivo analisar como as empresas se conectam aos ecossistemas colaborativos, por meio da inovação aberta, visando ampliar

sua capacidade de desenvolvimento. Os resultados confirmam que essa abordagem se consolida como uma estratégia administrativa, e não apenas como uma questão tecnológica, retomando o entendimento clássico da inovação como função central da gestão. Observou-se também que empresas isoladas enfrentam maior dificuldade de adaptação ao mercado, embora a colaboração externa não seja garantia automática de sucesso, como demonstrado pelos achados de Marques, Ávila, Pereira e Zambalde (2022) sobre interações que podem ser negativas conforme o tipo de parceiro e de inovação envolvida.

Os relacionamentos se confirmam como ativos estratégicos para o desenvolvimento organizacional, sustentando a discussão do modelo de tríplice hélice apresentado na fundamentação teórica. Os mecanismos de conexão identificados, como os discutidos pelo Instituto Caldeira (2024) e pela Estratégia de Inovação Aberta da ENAP (2025), mostram que esses conceitos teóricos se traduzem em práticas concretas e replicáveis, tanto no setor privado quanto no público. Por fim, Santa Catarina se confirma como um ambiente favorável à inovação aberta, reunindo instituições como ACATE, Ágora Tech Park, Hub47 e outras associações/iniciativas são capazes de sustentar esse tipo de conexão em nível regional.

As contribuições teóricas deste estudo consistem em ampliar a discussão sobre inovação aberta dentro do campo da Administração, unindo a teoria clássica de gestão a modelos mais recentes de interação em rede. As contribuições práticas oferecem caminhos concretos para que empresas estruturem suas próprias conexões com o ambiente externo. As contribuições sociais se relacionam ao fortalecimento de redes regionais de colaboração, com destaque para o contexto catarinense. Como limitação, destaca-se que esta pesquisa se baseia exclusivamente em revisão integrativa da literatura, sem coleta de dados primários. Sugere-se, para pesquisas futuras, a realização de estudos de caso, entrevistas com gestores de empresas catarinenses e comparações entre diferentes arranjos regionais brasileiros.

As empresas não inovam sozinhas; elas se desenvolvem por meio das conexões que estabelecem com os diferentes atores dos ecossistemas colaborativos.

Referências

ÁGORA TECH PARK. Ágora Connect reforça papel da inovação aberta na conexão entre empresas, universidades e pesquisa aplicada. Disponível em: https://agoratechpark.com.br/blog/noticias/agora-connect-reforca-papel-da-inovacao-aberta-na-conexao-entre-empresas-universidades-e-pesquisa-aplicada/. Acesso em: 22 jun. 2026.

ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA (Brasil). Estratégia de Inovação Aberta da Enap 2023 a 2028 – revisada. Brasília: Enap, 2025.

HUB47. Hub 47: Comunidade de Inovação e Startups de Joinville. 2025. Disponível em: https://hub47startups.com.br/. Acesso em: 10 jun. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa de Inovação Semestral 2024: indicadores temáticos. Rio de Janeiro: IBGE, 2025.

INSTITUTO CALDEIRA. DOMOS Open Innovation: os desafios que não te contaram sobre inovação aberta. 2024. Disponível em: https://institutocaldeira.org.br/blog/domos-open-innovation-os-desafios-que-nao-te-contaram-sobre-inovacao-aberta/. Acesso em: 27 jul. 2026.

MARQUES, H. R.; ÁVILA, E. S.; PEREIRA, R. M.; ZAMBALDE, A. L. Inovação aberta e implementação de diferentes tipos de inovação: uma análise baseada em dados em painel. Brazilian Business Review, v. 19, n. 1, p. 39-58, 2022.

MARTINS SÁ, L. M. Ecossistemas de inovação aberta no contexto da Indústria 4.0: estudo de caso sobre a iniciativa Clube de Fornecedores. 2023. Dissertação (Mestrado em Gestão e Negócios) - Escola de Economia e Gestão, Universidade do Minho, Braga, 2023.

TEIXEIRA, M. M. C.; TEIXEIRA, C. S. Tríplice hélice e conhecimento. In: CONFERÊNCIA ANPROTEC, 30., 2020. Anais [...]. 2020.